

ASSIGNATURAS  
 ANNO... .. 20\$000  
 SEMESTRE... .. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

*O caso de Sergipe. — Fausto Cardoso. — Irritações da maioria esmagadora. — Restauração da ordem. — A culpa do desenlace.*

Tendo emitto a nossa opinião sobre o caso de Sergipe, apreciando a facilidade com que abandonaram os seus cargos os depositarios do poder estadual, cumprimos agora o dever de signalar a bravura de Fausto Cardoso, pagando com a vida o que elle suppunha constituir uma conquista benéfica para os seus conterraneos — a suppressão de uma olygarchia que não correspondia aos idéaes de Sergipe.

Seria mais conveniente, mais nos moldes tortuosos da moral politica predominante a submissão do ardente moço á deliberação do Congresso, descarregando toda a responsabilidade do caso sobre o Presidente, a quem, pouco antes, negára os meios de pacificação de Matto Grosso; seria mais politico, como se diz por um euphemismo destinado a disfarçar todas as syncopes, preferir todos os vágados de character, transigir, entrar num accordo proveitoso com o general Firmino Rego, que não seria infenso a concessões equitativas. Mas não se modificavam á vontade injunções do temperamento; não se sopitam impulsos das convicções como quem pára um automovel ou esbarra um cavallo empregando o mecanismo de freios poderosos.

Essa coisa, hoje muito malsinada e cada vez mais rara — os compromissos de consciencia, os vinculos das idéas, dos principios, em torno de aspirações generosas, em honra da nossa raça, ainda constituem, seja dito, a força directriz de alguns homens que não vivem sómente do que é util ao seu egoismo, visando sómente o que lhes póde encher o estomago, subvencionar-lhes a ociosidade, saciar-lhes os gozos desbragados.

Ainda ha neste paiz quem morra pelos seus idéaes, quem não trepide ante as carabinas da ordem publica, em defrontar a logica sinistra do dever sacrificando a vida á causa que suppõe justa. E todo o homem que morre pela sua causa, pelas suas convicções, é infinitamente mais respeitavel do que a grande maioria, sinão unanimidade dos homens que são pacificos, inoffensivos como as serpentes repletas durante as difíceis digestões.

Votamos um grande respeito, uma veneração sincera a todos os homens abnegados e isto justifica a homenagem que hoje rendemos á memoria do valoroso Fausto Cardoso.

A maioria da Camara irritou-se ás candentes palavras do sr. Pedro Moacyr, como si ellas lhe avivassem a chaga de um remorso, evocando o seu procedimento quanto ao caso de Matto Grosso. De todos os lados esfuziavam apartes ao orador rio-grandense, como si lhe pretendessem suffocar os éstos de indignação ante o triste espectáculo da Republica entregue á sanha de legionarios omnipotentes. De todos os pontos do sombrio recinto, onde perpassa, ás vezes, com um ruido de azas agitadas, o espectro de Tiradentes, o espectro da reivindicação de um crime secular, surgiam protestos vehementes que, pelo avesso, são eloquentes brados das consciencias, protestos impondo a submissão ao absurdo triumphante em respeito ao regimento da Camara, como si os crimes das collectividades, embóra ellas se rotulem ou se adornem com as insignias da soberania, prescrevessem ou fôsem jámais indultados pela consciencia nacional. A obra das maiorias illegaes esmagadoras como factos consummados, não se subtráe á critica benéfica, ao commentario dissecante para revelar as causas, as origens do mal. Esses actos, esses crimes da politicagem são golpes que abrem brechas no direito, infligem chagas no corpo da nação exigindo o cauterio curativo.

Explodiram, por exemplo, de labios que se não dilatam nas franquezas da sinceridade, apartes compromettedores como traições de convicções sopitadas. Attribuiram-se os crimes do reconhecimento de poderes a vicios inherentes ao regimen representativo — não representarem a nação os seus eleitos ou serem estes excluidos pelas colligações occasionaes, quando a logica indicaria forçosamente a repulsa de tal regimen, ulcerado visceralmente nos seus órgãos essenciaes, um regimen de fraude, de perfidia, de servilismo, de inconsciente agrupamento sem principios, sem idéaes, regimen que não póde ser o mais opportuno, nem o mais efficaz para conduzir os destinos de uma nação nobre, jovem, cheia de esperanças, de gloriosos sonhos de porvir.

Nesse tiroteio de apartes, denunciadores de um irreprimivel mal-estar da maioria apavorada ante os funestos resultados da sua sabedoria, o sr. Pedro Moacyr se nos figurava um imprudente ateando o fulgurante fogo de artificio da sua palavra pomposa num arraial de palhoças donde se esgueirassem os habitantes amedrontados das deslumbrantes faiscas multicôres, projectando a luz

cambiante de rutilas chammas inoffensivas sobre o passado de hontem.

A culpa não é do regimen representativo, mas dos homens que o executam deformando-o ao sabor de interesses subalternos; a culpa não é do chefe do Governo cumprindo o voto unanime do Congresso: a culpa deve ser integralmente imputada á politicagem.

E' neste particular pensamos de inteiro accordo com o conceito do sr. Anisio de Abreu, conceito externado com a franqueza de um homem que chegou ao fastigio:

« Os successos de Sergipe — disse o senador do Piahy, com aquella ponta de ironia que lhe tem valido victorias — não são mais do que o resultado da acção dessa madrastra cruel e funesta — a politica — feita de traições e apostasias, de falta de partidos organizados, de crença geral dos homens de que pódem viver divorciados dos elementos conservadores; é a theoria funesta de que o governador do Estado é omnipotente, que tudo pódem querer, porque todos os seus desvarios ficarão impunes: é a tudo isso que se deve o triste desfecho da politica de Sergipe.»

Si Fausto Cardoso não houvesse poupado a vida do presidente e do vice-presidente, si estes morressem de tiros casuaes ou em combate, teria «legalizado» o caso.

Ha, na verdade, uma justiça prompta, summaria, violenta, inflexivel, para os crimes dos opprimidos revoltados: ninguem cogita de prever ou de punir os crimes dos oppressores.

Dessa iniquidade, desse monstruoso desequilibrio da balança que afere os direitos, jámais resultará a ordem tão apetecida e sempre perturbada pelos seus pseudo defensores.

E' um erro suppôr que, repondo governadores

nos cargos por elles extorquidos, se restabelece a ordem, que não é a calma do terror, nem a estagnação da indifferença, a extenuação dos vencidos, o desalento do povo privado do direito de representação, afastado das urnas pelas cavilações fraudulentas, que estão, neste paiz, batendo o vergonhoso «record» das tranquibernias.

A asphyxia dos direitos não pódem produzir a ordem, que é uma condição dos organismos vivos, em plena funcção.

Esse aspecto de lassidão, de falta de iniciativa, de coragem civica, de amor aos idéaes, indica submissão, tradúz servilismo degenerador, propagando-se com assombrosa intensidade da base ao fastigio da sociedade; indica, finalmente, um esmorecimento, uma perturbação grave na funcção do apparelho politico, do activo propulsor da nação.

A ordem não pódem resultar da instabilidade das instituições, modificadas, torcidas pela jurisprudencia de conveniencia, pelos caprichos dos interesses occasionaes, que nem sempre se apoiam na justiça.

Uma nação desmembrada em capitánias entregues a donatarios para os quaes não ha sancção da moral, nem do direito, é um organismo decomposto, sem força para as resistencias beneficas, sem elementos de defeza propria contra os que a conspurcam.

Dir-se-ia que o empenho dos dominadores é deixar que os elementos de podridão fermentem até completarem a sua funesta obra de destruição que será, então, a paz absoluta, a morte...

Oh! é preciso que, de quando em quando, surja um martyr para sacudir os oppressores da illusão da omnipotencia!

POJUCAN.

### Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

#### XXXIII

No recinto da Constituinte esta questão da admissão de portuguezes no Exército, foi debatida com todos os impetus de patriotismo, temendo as funestas consequencias de novas luctas com as tropas de Portugal, que ainda tentava reaver o antigo dominio.

Ora, si a Assembléa se manifestava hostile ao governo, este procedia de modo que dava logar á confirmação das suspeitas, eubóra as intenções fôsem outras, como veremos das explicações (1) que enviou á Constituinte e que a commissão de Marinha e Guerra julgou attendiveis.

Mas a maneira pela qual a Assembléa discutia esse e outros actos irre-

flectidos e inconvenientes, praticados pelo governo imperial, em vez de acalmar os animos, ao contrario, os irritava e provocava tambem as iras de d. Pedro e lhe fornecia novos motivos de dar cabo da representação nacional que, por assim dizer, era uma officina permanente, onde se trabalhava para destruir a popularidade de d. Pedro, popularidade que elle tanto amava por interesse da realza e magestade.

Estas observações são indispensaveis, porque mostram as causas dos futuros e proximos eventos. Quando se tem acompanhado attentamente a lucta entre o governo de d. Pedro e a Constituinte, desde o inicio dos trabalhos legislativos, verifica-se a somma de motivos que se formou lentamente e gerou no espirito do Imperador a idéa tenaz de dissolver uma Assembléa que não só lhe cerceava o exercicio

do poder, que elle entendia pertencer-lhe, mas ainda o expunha ao odio da nação e arruinava-lhe a popularidade, e, por consequente, lhe impossibilitava a existencia sobre o throno imperial. Comprehende-se que d. Pedro, bem ou mal considerando desta sorte a Constituinte, não podia querer mantel-a; pelo contrario, achava em seus actos pretexto bastante para dissolver-a.

De parte a parte, tanto o Imperador quanto a Camara Constituinte não procuravam corresponder á confiança, realizando as esperanças que a nação depositou no Defensor Perpetuo e nos seus representantes.

Investiguemos os factos.

O Imperador, logo que recebeu o pedido de informações ácerca da por-

tarja relativa aos prisioneiros, mandou que o ministro da Guerra, João Vieira de Carvalho, conde de Lages, desse todas as informações exigidas.

O ministro escreveu um longo officio, bem mintucioso, do qual extractaremos os pontos capitaes.

O ministro da Guerra respondeu : «que pelos decretos de 13 de maio e 3 de janeiro de 1822, o Governo era obrigado a dar baixa, em 1824, a uma grande parte dos soldados da guarnição. Prevendo isto, e conhecendo por experiencia que a provincia do Rio de Janeiro não pôde, sem um horroroso desfalque da lavoura, fornecer o recrutamento necessario, ordenou ao governo provisorio de Minas Geraes que remetesse recrutas, os quaes não perfazem ainda o numero exigido por graves difficuldades insuperaveis, apesar das medidas energicas empregadas.

Nestas circumstancias, lembrou-se o Governo da organização do corpo estrangeiro, mas viu que nem essa medida aproveitaria, pois que a Assembléa Geral Constituinte projectou a sua extincção.

Em tal caso de apuro, pareceu ao Governo convidar aquelles prisioneiros que por sua livre vontade quizessem abraçar a causa do Brazil, e expediu a portaria n. 1. Entretanto, julgou depois mais acertado submeter a sorte dos prisioneiros á deliberação da Assembléa, a quem officiou sobre tal objecto no dia 30 de agosto, tendo antes ordenado ao governo provisorio da Bahia (copia n. 2) que sobreestivesse na execução da referida portaria do dia 2.

Tal foi a marcha do Governo no objecto em questão e não julgando elle necessario se apoiar agóra em praticas geraes, contempla sómente as circumstancias privativas do Brazil e a experiencia domestica : aquellas lhe mostram a vantagem do augmento da população branca e com essa vantagem associou o Governo a idéa da justiça da sua causa, pela qual não duvidou achar, entre os mesmos prisioneiros, sectarios de sua Independencia e Constituição politica.

Não se enganou o Governo, como se vê da copia n. 3.

O Governo sabe que um punhado de homens seria suffocado em qual-

quer louco desvario, que infelizmente concebesssem no meio de cinco milhões de habitantes que estão firmes em constituirem-se nação independente.»

Nota o *Diario da Camara* que, depois de algumas observações, se resolveu que se remetesse esse officio com urgencia á commissão de Guerra para dar o seu parecer, tomando em consideração a bôa fé com que os voluntarios luzitanos, por convite do Governo, assentaram praça nos corpos do Imperio.

Eis a substancia do parecer da commissão de Marinha e Guerra : «vistas a portaria de 2 de fevereiro mandando vir da Bahia os prisioneiros luzitanos; e a portaria de 25 do mesmo mez, que mandava sobreestar na execução . . . a commissão conhecendo que o Governo se convencen de quanto aquella medida tinha de impolitico pelas desconfianças e azedume que reinam nos animos ressentidos e que em consequencia a revogou pela citada portaria de 25 de agosto e lembrando-se de que esta augusta Assembléa havia já dado as providencias para o transporte dos prisioneiros, é de parecer que este negocio não é objecto de ulterior deliberação da mesma Assembléa.»

Este parecer, apresentado na sessão de 24 de outubro, foi combatido vigorosamente por Montesuma, que, entre outras coisas, accentuou vivamente as seguintes considerações : « O Governo assentou que este negocio era todo do Execútivo, por isso quiz fazer assentar praça, no exercito brasileiro, os soldados do Madeira que acabavam de atacar os direitos dos nossos concidadãos e attentando contra a segurança individual e publica.

«Pergunto eu, agóra, si os lusitanos quizessem entrar todos nas linhas brasileiras, como ficavamos nós em qualquer nova tentativa de Portugal, havendo nos nossos corpos tão grande numero de inimigos e sabendo estes como estavam empregadas as forças do exercito e as mais particularidades de planos de segurança e de guerra ? Sr. presidente, estarmos a tratar de dar destino ás tropas luzitanas e ao mesmo tempo dar-lh'o o Governo, não tem desculpa, nem posso considerar isso sinão um engano feito á Assembléa. E igualmente só por muita ignorancia,

ou por muita maldade do ministro da Guerra, se podia dar um tal destino, pois ninguem deixaria de ver que empregar luzitano no nosso exercito era, como já disse, dar ao inimigo os meios de entrar nos planos da nossa defeza. Comtudo de nada disto julgaram os senhores da commissão, que deviam fallar e limitarem-se unicamente a dizer que não havia logar para ulterior deliberação, etc.»

O orador critica o parecer, que entende não deve ser acceto nem approvedo pela Camara. De feito, a Camara não teve tempo de decidir nada a esse respeito, porque tudo isso se passava na sessão de 25 de outubro e a 12 de novembro, a Constituinte não existirá.

A historia, todavia, não pôde deixar de apurar e concatenar as circumstancias que crearam os motivos, que impelliriam o Imperador a estrangular a Assembléa, que assim tratava o seu governo e se prevalecia de tudo para concitar os preconceitos nacionaes, para irritar as paixões populares contra actos que tiveram causa no interesse do proprio povo. A admissão dos prisioneiros luzitanos foi idéa suggerida pela impossibilidade de obter numero de recrutas necessario ; para não tirar os braços uteis á lavoura e mesmo porque «um punhado de homens não era um perigo no meio duma nação de cinco milhões de homens, que queriam uma patria independente.»

A Constituinte passou a tratar de varios assumptos, quasi todos de interesse secundario, excepto o da universidade e dos jurados, dos quaes falaremos.

Nesses certamens, quasi academicos, o illustre Silva Lisbôa fez varias dissertações : caíam-lhe a flux as abundancias da erudição accumulada e com ellas as desillusões da velhice : parecia dizer o supremo e ultimo adeus á vida..

Os artigos do projecto da Constituição politica entravam tambem na ordem do dia ; eram vagorosamente discutidos. O povo parecia ter perdido o interesse por uma Constituição, que lhe merecia motejo e elle a denominava — *Constituição da farinha da mandioca*.

Já temos, por diversas vezes, cha-

mado a attenção sobre o proposito com que a Constituinte mantinha des-harmonia com o Poder Executivo, procurando sempre expol-o á execração publica.

Um facto de importancia secundaria vae mostrar-nos o sentimento de concentrado rancor irreconciliavel, que refervia nas almas.

Na sessão de 14 de outubro, Antonio Carlos dirige ao presidente as seguintes palavras: «Antes de se assignar a ordem do dia, quero fazer um requerimento. Cuido que estão vencidas umas poucas de leis: a demora da sua publicação parece *encerrar algum mysterio*; requero, pois, com urgencia que se mandem a s. magestade imperial para serem promulgadas. *E' preciso que duma vez saibamos a lei em que havemos de viver.* (Apoiados, apoiados). *Já o povo repara para isto como desconfiado; e com effeito é muito o que se tem esperado.*»

Eis ali como, de coisa bem simples, o orador paulista queria fazer odiosa contra o Imperador, attribuindo-lhe não querer promulgar as leis, demorando a promulgação; demora que *encerrava um mysterio*. E, em tom ameaçador, accentúa, como quem está disposto a travar lucta: «*E' preciso que duma vez saibamos a lei em que havemos de viver.*»

E a Camara das mediocridades imbecilmente cobre taes palavras com um chuveiro de apoiados... Tal era o estado dos espiritos; todas as suspeitas, fundadas ou infundadas, contra d. Pedro, achavam echo, produziam effeito. O povo, que não reflexiona e julga pelas subitas impressões que recebe, ouvindo aquella odiosa insinuação, (intencional e perversamente feita por um representante tão bem reputado) o povo murmurará que o Imperador leva o seu absolutismo até o excesso de obstar a promulgação de leis decretadas pela Assembléa, que representa a nação; o Imperador queria absorver todos os poderes; governar só; restaurar o regimen antigo, eis ali porque se cercava de prisioneiros lizitanos, admittindo-os como soldados no exercito brasileiro.

Destá e de outras fórmias, os matreiros da Constituinte caluniavam e desvirtuavam as intenções do Imperador como applauso da parva maioria.

Mas logo que Antonio Carlos acabou de proferir aquellas phrases acerbas e minazes, o proprio presidente da Camara declarou «que taes leis ainda não tiham sido enviadas ao Imperador: estava-se ultimando o trabalho para ser enviadas.» Então o proprio Antonio Carlos diz: «espere-se dois, ou tres dias e nada mais: já o povo repara para isto, como desconfiado. (Vide *Diario da Camara*, sessão de 14 de outubro, pag. 92, 1.<sup>a</sup> columna.)

As palavras de Antonio Carlos tem o tom da insanía, ou da insolencia, que se impõem a uma turba de subser-vientes, como talvez elle reputa os representantes da nação.

Na sessão de 20 de outubro, o presidente diz: «annunció a esta Assembléa que vão hoje a s. m. pela deputação nomeada os seis decretos seguintes: 1.<sup>o</sup>, sobre a fórmula da promulgação das leis da presente Assembléa; 2.<sup>o</sup> o da extinção do conselho de procuradores geraes das provincias; 3.<sup>o</sup>, o que prohibe aos deputados o exercicio de outro qualquer emprego; 4.<sup>o</sup>, o que tem por objecto as sociedades secretas; 5.<sup>o</sup>, o que confirma a legislação que continúa a reger-nos; 6.<sup>o</sup>, o que regula a fórmula provisoria dos governos das provincias.»

Quando se diz que fôram estereis as sessões da Constituinte, affirma-se um facto comprovado por esta declaração do presidente: eis ali tudo quanto ella produziu, quasi tudo de importancia secundaria, desde maio até outubro. E' manifesto que esta Assembléa não comprehendia as necessidades dum povo que se organiza; duma sociedade que aspira viver sob o influxo do progresso material e moral, que faz a felicidade e prosperidade das nações.

Antonio Carlos inculcava que a demora da promulgação das leis *encerrava algum mysterio*; attribuia a má vontade imperial. Vimos, porém, que o proprio presidente declarou que taes leis ainda não tinham subido á augusta presença de s. magestade.

Agóra que ellas fôram levadas pela deputação, ouçamos a resposta imperial a respeito das alludidas leis.

O Imperador diz á deputação: «com summo prazer recebo as leis que a Assembléa Geral, Constituinte e Legislativa me envia por esta illustre depu-

tação para eu as fazer executar; ellas passam immediatamente a serem por mim assignadas. O mesmo farei a todas as mais que a Assembléa me fôr remettendo da mesma maneira, bem persuadido que todas ellas serão tendentes a engraudecer e felicitar este Imperio, que já vae começando a ser respeitado no mundo velho e novo, posto que ainda não reconhecido directamente.» (*Diario da Camara*, sessão de 20 de outubro pag. 116, columna 2.<sup>a</sup>).

A Camara, a despeito de suas prevenções e cegueira, não podia deixar de reconhecer que s. magestade não nutria as intenções, que Antonio Carlos, estulta e maligualmente, lhe attribuia.

Ora, por seu lado, o Imperador, lendo aquellas palavras provocadoras do famoso orador paulista, comprehendem a perfida e malefica insinuação que lhe era feita e destinada a incutir ainda mais a desconfiança e suspeita contra o seu governo: assim que, de certo, addicionou mais este ataque á somma já muito avultada de motivos, que induzirá a dissolver a Constituinte, que elle reputava só propria para arraucar-lhe da alma popular o entusiasmo, a dedicação e a confiança.

O drama, daqui em deante, marcha rapido ao desenlace final; de 25 de outubro a 12 de novembro não é longo o espaço a percorrer.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Vide adeante o officio do ministerio da Guerra e parecer da commissão.

## PAGINAS ESQUECIDAS

### ANJINHO

Não chorem... que não morreu!  
Era um anjinho do céu  
Que um outro anjinho chamou!  
Era uma luz peregrina,  
Era uma estrella divina  
Que ao firmamento voou!

Pobre creança! dormia:  
A belleza reluzia  
No carmin da face della!  
Tinha uns olhos que choravam,  
Tinha uns risos que encantavam!...  
Ai meu Deus! era tão bella!

Um anjo d'azas azues,  
Todo vestido de luz,  
Sussurrou-lhe num segredo  
Os mysterios doutra vida!  
E a creança adormecida  
Sorria de se ir tão cedo!

Tão cedo! que ainda o mundo  
O labio visguento, immundo  
Lhe não passára pela roupa!

Que só o vento do céu  
Batia do barco meu  
As vélas d'ouro da pôpa !

Tão cedo ! que o vestuario  
Levou do anjo solitario  
Que velava seu dormir !  
Que lhe beijava risonho  
E essa florzinha no sonho  
Toda orvalhava no abrir.

Não chorem ! lembro-me ainda  
Como a creança era linda  
No fresco da facezinha !  
Com seus labios azulados,  
Com os seus olhos vidrados  
Como de morta andorinha !

Pobrezinho ! que soffreu !  
Como convulso tremeu  
Na febre dessa agonia !  
Nem gemia o anjo lindo,  
Só os olhos expandindo  
Olhar alguem parecia !

Era um canto de esperança  
Que embalava essa creança ?  
Alguma estrella perdida,  
No céu c'roadada donzella...  
Toda a chorar-se por ella  
Que a chamava doutra vida ?

Não chorem... que não morreu !  
Era um anjinho do céu  
Que um outro anjinho chamou !  
Era uma luz peregrina,  
Era uma estrella divina  
Que ao firmamento voou !

Era uma alma que dormia  
De noite na ventania  
E que uma fala acordou !  
Era uma flôr de palmeira,  
Na sua manhã primeira,  
Que um céu d'inverno murchou !

Não chorem ! abandonada  
Pela rosa perfumada,  
Tendo no labio um sorriso,  
Ella se foi mergulhar  
— Como perola no mar  
Nos sonhos do paraizo !

Não chorem ! chora o jardim  
Quando murchado o jasmim  
Sobre o seio lhe penden ?  
E pranteia a morte bella  
Pelo astro ou a donzella,  
Mortos na terra ou no céu ?

Choram as flôres no afan  
Quando a ave da manhã  
Estremece, cáe, esfria ?  
Chora a onda quando vê  
A boiar uma irerê  
Morta ao sol do meio dia ?

Não chorem !... que não morreu !  
Era um anjinho do céu  
Que um outro anjinho chamou !  
Era uma luz peregrina,  
Era uma estrella divina  
Que ao firmamento voou !

ALVARES DE AZEVEDO.

O EXERCITO PORTUGUEZ.  
EM 1871

Diz-se — e quem sabe se é uma torpe calumnia ? — que o governo vae ter o impudor de consentir que se discuta o orçamento geral ! E' natural que por essa occasião melancolica se attente no orçamento especial do *muito bellicosamente chamado* Ministerio da Guerra. Para tal eventualidade aqui estiramos sobre estas paginas algumas reflexões amaveis.

Corre que, nisso a que os relatorios chamam pomposamente *o exercito*, se gastam annualmente perto do 4:000 contos. Corre, por que se torua difficil averiguar a exacta verdade sendo o orçamento, como é, um inviolavel segredo.

Ora se estudarmos bem a utilidade do nosso *exercito* temos occasião de algumas francas e fortes risadas, dignas de Homero.

A primeira utilidade de um exercito é que se bata.

O nosso exercito não se pode bater.

Pelo numero dos seus soldados (batalhões incompletos, quadros rareados, etc.), estamos como depois de uma derrota — ao cabo de 24 annos de paz !

O seu armamento é inteiramente inefficaz. Está provado scientificamente que, depois de meia hora de fogo, as espingardas do exercito passariam para o inimigo — rebentadas em estilhaços. Quando não rebentem, o seu alcance é humanitario. Queremos dizer — as balas ficam a meio caminho do inimigo.

Verdadeiramente o nosso exercito só poderia alcançar o inimigo — correndo atraz delle : mas para isso faltam-lhe sapatos ! Realmente por tão pouco armamento mais valia uma *tanga* e uma *flecha* !

Quanto á nossa artilharia ha um só meio de ella prejudicar o inimigo : é fazel-o prisioeiro, collocal-o amarrado a 4 palmos da peça, procurar não errar o tiro, e conseguir assim inutilisar-lhe a barretina !

O equipamento é nullo. Nem tendas, nem cantinas, nem transportes. Nenhum apparelho de marcha, nenhum material de acampamento.

O soldado portuguez é bravo, firme, soffredor ; tem o *élan*, o arremêso, como o toiro. Mas uas guerras modernas estas qualidades são inuteis. Compreendeu-se já que uma peça de artilharia é um soldado mais soffre-

dor e mais firme que um filho de Adão.

Ora estes grandes duellos de artilharia exigem no soldado outras qualidades além da coragem : exigem sobre tudo nos estados-maiores a estrategia como uma sciencia. Os nossos geueraes não teem sciencia : tiveram outr'ora, na mocidade, bravura e pulso : pois depois veio a idade : perderam a fôrça quando ella na verdade já não era necessaria, mas não ganharam a sciencia, quando ella é indispensavel.

Os regimentos não teem instrucção. Não teem o habito do acampamento, da fadiga, das marchas. Não teem pontaria. A disciplina está relaxada ; não ha respeito, nem subordinação. Não existe mesmo espirito militar, brio de quartel, amor da arma. O soldado vive na cidade, n'uma indolencia de paizano : fuma, namora, canta o fado : é um camponez que procura soffrer a farda cinco annos — o mais alegremente possivel.

Não servindo o exercito para a guerra — podia naturalmente servir para a policia.

Mas não serve. Nas cidades de segunda ordem os regimentos vivem ociosos. Pois nessas cidades não ha patrulhas, nem rondas, nem sentinellas : as ruas estreitas, sujas, mal allumiadas, são um terreno livre á desordem.

Nada mais natural que aproveitar os vagares do regimento para patrulhar a cidade. Não ! o regimento deita-se ás 9 horas para não apanhar o ar da noite. Quem vigia vagamente, sem cuidado e sem persistencia, um dia cada semana, são os cabos de policia. Ora os cabos de policia são cidadãos que fazem este serviço obrigatoria e gratuitamente. Isto é — cidadãos que teem o seu trabalho, a sua familia, os seus deveres, soffrem ainda a obrigação de manter a tranquillidade de graça. Homens que não teem familia, nem trabalho, de proposito para mais livremente podereu manter a ordem, que não teem outros deveres que não sejam esses, e que para isso são pagos — deitou-se ás 8 horas da noite, depois de terem passeado desde as 8 horas da manhã. Oh bom senso ! Oh patria nossa.

O exercito deste modo é *uma ociosidade organizada!*

Convém ao menos ter exercito para o caso de uma revolta?

Nesse caso — o exercito seria ainda inutil. Em Portugal o exercito não se bate facilmente com o povo: o exercito é uma porção de povo *fardado*. Em França o exercito é um mundo á parte, exilado nos seus quartéis e nos seus *camps*, com idéas, habitos, sentimentos proprios, sem communição com o povo, chamando-lhe *bourgeois* e *pekin*, e não tendo duvida alguma em o espingardear. Em Portugal o soldado vive com o povo: sahio d'elle, volta brevemente para elle: está com elle no contacto de todos os dias, bebe nas mesmas tabernas, canta as mesmas cantigas, brinca nas mesmas romarias, é ainda um cidadão. Não espingardeia o cidadão! Quando muito, nunca lhe paga o vinho.

De modo que o exercito em Portugal:

É inutil para guerra;

Inutil para policiar;

Inutil para reprimir uma revolta.

Para que serve? Para gastar 4:000 contos.

Ha mais: um exercito só por si é inutil se não faz parte d'uma inteira organização militar.

Onde estão as nossas praças fortes? A nossa artilharia? Os nossos arsenaes? Os nossos campos entricheirados? As nossas fabricas de armamentos para um caso de perigo? Os nossos fortes? Os nossos caminhos estrategicos? — Nada temos, a não ser o bom senso fechado, a fronteira aberta, e umas peças de artilharia *à que deu fogo Camões* — o que é poetico, mas fragil!

Dir-nos-hão: «Mas nós não somos um paiz militar.»

Então façamos o que se deve n'um paiz que não é militar. Não gastemos 4:000 contos tão improductivamente como se os gastassemos em caixinhas de soldados de chumbo — (*plumbeos guerreiros*, diria o sr. Vidal, poeta lyrico).

Licencemos o exercito — e creemos:

1º Uma guarda nacional, com serviço extensivo a todo o cidadão valido;

2º Um corpo de gendarmaria civil. Alcançavamos assim:

1º Economisar 4:000 contos ou pelo menos 3:000

2º Entregar á agricultura, uns poucos de mil braços inesperados;

3º Tornar efficaz a defesa nacional;

4º Estabelecer por todos os districtos do paiz um serviço de policia, necessidade impreterivel;

Havia ainda uma 5ª vantagem; mas não a expomos, receiando que a côrte nos mandasse assassinar.

EÇA DE QUEIROZ.

### APANHADOS

*A dansa no Japão* A sra. Azra Hincks, no ultimo numero da *Fortnightly Review*, de Londres, dá umas interessantes informações sobre a arte da dansa no Japão.

As dansas japonezas são religiosas, classicas ou populares, e cada uma dellas, com o seu character particular, existe desde os mais antigos tempôs, tendo sido cultivada como a poesia e a pintura. A auctora desse artigo para comparar a dansa japoneza com a do Occidente, se serve da seguinte imagem:

«O grande Buddha de bronze de Kamakura, que, desde o principio dos seculos, véla, sorrindo, pelo futuro do Japão, abaixou os seus olhares, com uma expressão enigmatica, sobre os pomposos occidentaes, que o contemplavam duma maneira irreverente. O seu sorriso é cheio de desprezo e de piedade quando elle fala das dansas europeas e as compara a essa arte magnifica que solemuiza os seus ensinios. E, quando elle põe em frente, uma da outra, a dansa japoneza e a dansa occidental, ahi é que se comprehende porque o sorriso do Buddha é complacente, desdenhoso e sarcastico.»

*Amazonas siamezas* O rei do Sião tem uma escolta de 400 amazonas, armadas de lanças agudas, em cujo manejo estão summamente dexteras. Entram para o serviço do rei aos 13 annos onde ficam até aos 25 annos; ali passam á reserva, attingidas por uma compulsoria bem apressada.

*Macaço myope* No Jardim Zoologico de Berlim, ha um macaco que foi operado, ultimamente,

de cataracta nos olhos. Para completar a cura metteram-lhe um par de oculos que elle uza com uma gravidade muito comica.

*Phenomeno curioso* Ao sul da Nova Zelandia, ha um grupo de ilhas chamadas «As irmãs» ou «As 7 irmãs», onde chove constantemente, sem parar.

*Um livro de critica theatral* O sr. Adolphe Brisson teve a idéa de reunir em volume as mais importantes das suas criticas dramaticas, escriptas no *Temps*, de Paris.

Os srs. Bataille, Ancey, Bernstein, Capus, Brioux, Donnay, Fabre, Hervieu, Lavedan, Lemaitre, etc, isto é, todos os escriptores, cujas obras, de ha tres annos para cá, tiveram alguma influencia sobre os costumes contemporaneos, teem o seu capitulo especial, onde cada um é analyzado como deve ser e criticado com muita justeza e muito criterio. E não são simples paginas de critica secca e esteril; o sr. Brisson examina uma obra de cada vez, no ponto de vista litterario e nas suas relações com a evolução da sociedade moderna — isto, afinal, justifica amplamente o titulo do livro: *O theatro e os costumes*.

Os poetas dramaticos, como Catulle Mendès, Richepin, Rostand, são tambem objecto dum estudo apurado.

Indiciosas reflexões sobre o «theatro classico» na *Comedie Française*, de Paris, e sobre a montagem das peças de Shakespeare completam esse livro precioso para os que seguem, de perto, o movimento theatral moderno.

*Bondes hospitaes* Em Leith, cidade da Escossia, encontrou-se uma nova applicação para os bondes velhos, destinando-os a servir como dependencia do hospital onde se tratam de doentes atacados de molestias contagiosas.

Deixam varios crystaes no vehiculo e em cada carro accomodam dois enfermos submettidos á cura pelo ar e pelo sol. Muitos desses doentes, depois desse tratamento tão efficaz e estando constantemente no carro, com todo o conforto e expostos ao calor benefico do sol, respirando um ar puro, limpo,

chegam a ficar completamente bons, não mostrando nenhum signal das antigas molestias contraídas e tão sabiamente curadas.

\* \*

*Uma estrada de ferro de Paris a Nova York* Uma companhia norte americana projectou construir um caminho de ferro ligando a estrada transcontinental americana á transiberiana pelo estreito de Behring e que permittiria ir em caminho de ferro de Paris a Nova York.

Essa linha mediria 2.000 milhas no territorio de Alaska e 3.000 milhas em terras russas. O projecto será auxiliado pelo *czar*, que está disposto a conceder á sociedade uma vasta quantidade de terreno.

A riqueza mineral do Alaska permite suppor que essa região será atravessada por uma via ferrea num futuro bem proximo; mas o sr. Harry de Windt, que fez em 1901 a viagem de Nova York a Paris pelo estreito de Behring, considera quasi irrealizavel a exploração dum caminho de ferro entre esse trecho e o transiberiano.

A zona arctica siberiana comprehende uma extensão consideravel de *tundra*, nome dado a um conjunto de paúes, de charnecas espalhadas e de lagos estagnados ficando no verão como «uma grande esponja embebida», oude, a cada passo, o homem mergulha até os joelhos. De maio a outubro, os colonos estabelecidos nos raros oasis desse deserto de lamas ficam isolados do resto do mundo. A circulação não é possível sinão no inverno. A região não produzindo madeiras, todos os dormentes da estrada de ferro discutida serão certamente importados, e só isso, para atravessar a *tundra*, custaria, pelo menos, 100 milhões de *dollars*.

Da outra parte o movimento commercial do estreito de Behring parece não ser assim tão importante. E' duvidoso que essa estrada, si fôr construída, seja muito uzada para se ir da Europa aos Estados-Unidos. O trajecto será um pouco mais longo que a viagem pelo mar.

Quanto ao tunnel do estreito de Behring, que se fala como dum grande triumpho futuro para os engenheiros, estenderia, com as vias de accesso immediatas, um comprimento de 40 milhas e custaria mais de 10 milhões de

*dollars*. Avalia-se a profundidade do estreito em 160 ou 170 pés; o tunnel se achará, pelo menos, a 200 pés abaixo da superficie das aguas, isto é, com uma profundidade menor que a do tunnel da Mancha, cujo comprimento é de 50 kilometros.

\* \*

*O dote da princeza Ena* A princeza Ena de Battenberg, hoje a esposa querida de Affonso XIII, de Hespanha, recebeu, com o seu casamento, um seguro dotal annual de 200.000 pesos. Esse bello dote, dado pela casa da Hespanha, será reduzido a 100.000 pesos, no caso de fallecer Affonso XIII.

\* \*

*Os inglezes perdem a fé na medicina* Fundou-se ultimamente na Inglaterra uma curiosa «liga» contra a medicina, a liga de *A gente singular*. Tem por lema:

«Deus nos deu a vida e Deus tem o direito de nol-a tirar.»

E mais:

«Para que combater contra a vontade de Deus com o auxilio de drogas infernaes — pilulas, pastilhas, unguentos, etc. — que devem ser invenção do Diabo?»

Feliz ou infelizmente, não pensa assim a justiça ingleza — cujos tribunaes condemnaram os paes de uma creança que morreu á mingua de tratamento medico. Os paes tinham adherido á «liga» e confessaram ingenuamente que a melhor maneira de curar o filho era não chamar medico e deixal-o morrer calmamente si Deus era servido chamal-o á sua santa gloria.

Sem o menor estrepito, a *gente singular* tem feito uma propaganda formidavel das suas idéas, e em toda a Inglaterra ha succursaes tão bem organisadas como si fôsem casas de negocios.

\*

Além dessa, ha outra «liga» contra a actual medicina: a *fashionable cure*, e circula no bairro da burguezia aristocratica de Londres. São interessantes os seus principios basicos:

«Todo individuo deve ser curado de um modo particular, pois é impossivel que a mesma droga faça effeito sobre um pleben e sobre um nobre;

as enfermidades nervosas são mais susceptiveis de uma cura psychologica que de uma cura material.»

Essa liga já deu tambem os seus resultados: uma senhora da alta sociedade apatacada, que se lhe entregou de corpo e alma, perdeu ambos os attributos. Mas a policia abriu inquérito...

\* \*

*O sr. Fallières e os actores* O presidente da França, acompanhado de

nove ministros, de senadores e deputados, assistiu, não ha muito, á inauguração de um theatro ao ar livre, construido no parque do asylo dos actores invalidos, fundado por Coquelin.

Respondendo a um brinde de Coquelin, o presidente disse: Eu aqui veulho não como chefe do Estado, mas como amigo, e me sinto satisfeito de me achar entre vós. Eu não posso comprehender uma republica que se não orgulhe de proteger as artes e, sobretudo, uma tão nobre e meritoria como a dos artistas dramaticos. Recordastes, ha pouco, e eu tive, com effeito, o prazer de conferir, no caracter de ministro das bellas artes e instrucção publica, a cruz de cavalleiro da Legião de Honra a Monnet-Sully, simplesmente porque este é actor. Agóra, de novo, o tenho.»

E voltando-se, conferiu ao velho actor Meuvre a cinta vermelha da mesma Legião. Pouco depois, o presidente e os convidados fôram percorrer o asylo. Ao passar por um logar em que se acha o busto de Molière, disse Coquelin:

— Aqui, sr. presidente, collocaremos o busto de Victor Hugo e o de Waldeck-Rousseau. Peço-lhe licença para collocar o de v. ex.

Nesse momento, interveio o sr. Clémenceau:

— Permitta-me, sr. presidente, que entregue ao nosso amigo Coquelin a grande medalha de ouro da assistencia publica.

E continuou, em meio do espanto de Coquelin:

— Não pense que se trata de uma distincção vulgar: em toda a França ha apenas quatro ou cinco dessas medalhas.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*Hereditariedade das molestias.—Experiencias do dr. Ribbert.—Mutilações que se nos transmittem.—Os habitos.*

A hereditariedade tem sido assumpto de vasta exploração scientifica, mas muito insignificantes informações se tem colhido.

Considerando que cada creatura, desde o elephante á borboleta, se desenvolve de uma minuscula massa microscopica de materia viva, é difficil comprehender como os elementos dynamicos de infinita variedade de estrutura que fórmam o corpo, pôdem-se accumular em tão pequeno espaço, addicionar-lhes os característicos individnaes, apparecendo em successivas gerações.

Tem-se discutido si as molestias pôdem ser transmittidas pela hereditariedade. E' certo que diversas molestias, antes attribuidas a herança, se verificaram como resultado de outras causas, estendendo-se assim uma grande sombra de duvida sobre esse curioso assumpto.

O dr. Ribbert diz que as provas mais authenticas são contrarias á transmissão das molestias pela hereditariedade; admite, todavia, que algumas vezes isso aconteça. A mais frequente consequencia das molestias graves, porém, é enfraquecer o systema até incapacital-o de successão. Si bem que a cellula germen seja resistente e não possa conter elementos morbidos, pôde ser affectada durante o seu desenvolvimento pela infecção bacteriosa, pela acção de venenos do systema dos paes ou pela pobreza de nutrição e, em casos desta ordem, os descendentes não serão sadios, terão tendencias para o desenvolvimento das molestias dos ascendentes e de outras inteiramente diversas.

Sobre 3.329 casos pathologicos observados, uma alta porcentagem de descendentes de alcoolistas chronicos teve a mesma molestia; um pequeno numero soffria de affecções varias; poucos eram validos e não manifestavam insolita tendencia para o mesmo vicio. Provas chimicas pareciam demonstrar que anormalidades adquiridas podiam ser hereditarias.

A hyperdactilia, tendencia para o desenvolvimento de um numero anormal de dedos é uma deformidade herdada através de successivas gerações, da mesma fórma que a distorsão, augmento do craneo e do cerebro da gallinha polaca, muito conhecida pelos creadores dessa especie de aves.

Por outro lado, é facto muito averiguado que as mutilações não são hereditarias. Caudas cortadas não se reproduzem nas successivas gerações de cavallos, nem semelhantes manei-

ras de transformações, conforme os caprichos da moda, empregados em-bóra seguidamente em muitas gerações do mesmo animal. Os filhos de manetas nunca saíram com vestigios dessa mutilação dos paes.

A cellula germen parece não ser impressionada pelas condições externas, pelo menos esse phenomeno é muito raro, ao passo que alguns característicos parecem innatos com as pennas crespas de algumas especies de passaros, os habitos persistentes de algumas raças de animaes, um aperfeiçoamento de certos instinctos pelo exercicio ou por uma educação especial.

De accordo com outro ponto de vista scientifico, a vida é inseparavel do espirito; é uma especie de actividade dependente do espirito, creada pela acção deste sobre o protoplasma em condições não diferenciadas e protomorphicas, possuindo, todavia, o caracter de espontaneidade e adaptação. De todos os orgãos do corpo, o cerebro é o primeiro a adquirir fórma, torna-se uma força directriz, governando o desenvolvimento de todos os outros orgãos, determinando a constituição de novas estruturas. A influencia do systema nervoso preside a todas as forças activas e deve ser considerado a fonte do desenvolvimento organico, que comprehende uma série de mudanças, cuja origem e crescimento methodico se não pôdem explicar no terreuo da mechanica.

Dessas duvidas parece resultar que as molestias dos ascendentes preparam os descendentes para o desenvolvimento das molestias dos paes, si bem que ellas não se transmittam necessariamente pela herança.

\* \*

*A cura do cancro.—Descoberta do dr. John Beard.—Effeitos da tripsina sobre os germens do tumor maligno.*

As descobertas do germen do cancro, as apregoadas curas desta molestia terrivel tem provocado tantas decepções que o publico as recebe sempre com justificada desconfiança; entretanto, annuncia-se que o dr. John Beard, professor de biologia comparada na Universidade de Edimburgo, encontrou uma substancia que cura o cancro digerindo as suas cellulas. Esta noticia foi communicada pelo dr. C. W. Saleeby na edição de agosto do *Mc-Clure Magazine*.

Como se sabe, o cancro é molestia muito vulgar, causando um obito em quarenta. Os dados estatisticos não asseguram a deducção de que essa mo-

lestia está augmentando, si bem que muitos observadores attribúam a apparente diminuição á circumstancia de que o periodo normal da vida váe encurtando e poucos homens attingem a idade mais favoravel ao desenvolvimento da molestia. De accordo com essa generalisação, quem viver muito está provavelmente sujeito a morrer de cancro.

Algumas fórmas superficiaes desse néoplasma pôdem ser curadas pelo radium ou pelos raios de Roentgen, mas o unico meio de cura até agóra conhecido é a intervenção cirurgica.

Profissionais de grande auctoridade affirmam que o cancro não é resultado de uma infecção, sendo as cellulas do tumor maligno nativas do corpo que destróem. Resta, porém, saber quaes as circumstancias que actúam para o desenvolvimento da virulencia dessas cellulas no individuo. O dr. Saleeby acredita que não se pôdem ainda indicar as razões precisas do phenomeno. E' possivel que ella seja, ao principio, uma cellula normal do corpo, degenerado em typo inferior, em que, de accordo com a lei de Spencer, a genese é obtida á custa do poder de individualismo, de maneira que, tendo perdido sua classe individual, ganha, em compensação, o poder infinito de multiplicação, característico dos microbios e outros organismos inferiores.

Por outro lado, é possivel que o germen do cancro fôsse, ao principio, diferente das cellulas que a cercam. Sustentando esta hypothese, o dr. Beard pensa que a cellula mãe do cancro sempre existiu no corpo humano.

O dr. Saleeby procura a explicação do phenomeno na embryologia.

E' impossivel, no espaço desta noticia, citar os diversos factos de embryologia sob os quaes se funda a theoria do tratamento empregado pelo dr. Beard. Parece que o methodo depende do que os embryologistas consideram alteração de gerações. Este medico descobriu o periodo critico que marca o principio e o desaparecimento da transitoria geração larval, sendo o tecido característico dessa estrutura designada pelo nome de *trophoblast*.

Antes do periodo critico no caso dos peixes, por exemplo, todos os processos digestivos dependiam de uma digestão acida intracellular muito semelhante á que se dá no estomago do adulto. Aquelle periodo é determinado pelo desenvolvimento, no embrião, de um novo orgão denominado o pancreas, o mais importante orgão da digestão, produzindo varios fer-



mentos dos quaes o mais importante é a trypsin, substancia que age sómente num meio alcalino.

O dr. Beard classifica o tecido canceroso um irresponsavel trophoblasto, cujas cellulas são digeridas pela trypsin, encarregando-se o resto da secreção pancreatica de destruir os productos dessa digestão.

O dr. Beard affirma ter effectuado varias curas com este methodo nos arrabaldes de Londres.

— — —  
 A LIVRARIA

HISTORIA DO BRAZIL, POR J. F. DA ROCHA POMBO.—1º VOLUME.— J. FONSECA SARAIVA, EDITOR.—RIO DE JANEIRO.—1906.

Do que se vê pelo primeiro volume, ora concluido, da importante obra que o sr. Rocha Pombo empreendeu, já se pôde anticipar que este seu livro está destinado a ter um lugar obrigatorio em todas as nossas bibliothecas.

De parte os seus outros titulos, elle váe ser o instrumento de economia e commodidade intellectuaes que já de ha muito reclamavamos quantos nos interessamos pelas coisas patrias.

Mas não é apenas um serviço interior o que nos presta a nobre e bem provida intelligencia do nosso sympathico compatriota entregando-se a esta faina, tão grande e de tanta responsabilidade que vale pela missão de uma vida e basta para fazer a solida reputação de um nome.

Estas syntheses são no estrangeiro, antes de tudo, o espelho da civilização de que procedem. A realisação que ellas na verdade representem, estando o facto em dependencia tão directa e tão intima de elementos nacionaes, passados e presentes, reverte em honra, menos do orgão que é o historiador, do que do conjuncto que permittin o seu apparecimento.

Além disso, porém, os paizes novos, em organização, como o nosso, necessitados de integrar-se, sob todos os aspectos, com os elementos que sobram ás raças superiores da Europa, precisam organizar todo um systema, uma rede de attracções sobre taes massas migratorias.

Não ha esse que já não o tivesse comprehendido, e aquelles que se deixarem ficar atraz correm o risco de ver os mais activos e aptos constituirem-se, fortalecem-se tão vigorosamente,

que venham a complicar dentro em pouco o problema, oppondo-se á integração, sinão á propria independencia dos retardatarios.

Esse e outros perigos ameaçam qualquer sociedade ainda em via de perfeita organização autonoma actualmente, não importa em que parte do mundo. Não devemos ter a vaidade de nos julgar isentos de taes vicissitudes.

Por sua vez, os paizes europeus que soffrem dessa densidade excessiva de população estão tratando muito avisadamente de orientar e dirigir o impulso indomissavel e necessario que determina a trasplantação de tão grandes massas, de modo que se possa dar uma distribuição a mais intelligente possivel.

Está ahi mais uma razão para irem os paizes que se acham nas condições do nosso completando e aperfeiçoando, de cada vez mais, o seu systema de propaganda.

Syntheses como esta de que o livro de que se trata representará são de um adjutorio inapreciavel nesses aparelhos, não só como repositórios de informações directas e positivas, sobre tantos aspectos das sociedades a que se referem, como pelas indicações bibliographicas que a natureza dos multiplos assumptos a que ellas tem de attender forçosamente proporciona.

As duas historias do Brazil mais consideraveis de que dispomos são as de Roberto Southey e F. A. de Warhagem; a ultima, porém, que é a mais recente, data de 1857. Bastaria simplesmente essa circumstancia para indicar a nossa grande deficiencia bibliographica nesse particular.

A revolução operada na litteratura historica, si bem que proceda de uma evolução muito lenta, que a tendencia positiva e democratica da era moderna veio pouco a pouco evidenciando, tornou-se um facto irrecusavel e propagou-se victoriosamente só do meiado do seculo XIX por deante.

Ella inspirou-se nas novas idéas philosophicas, todas, em ultima analyse, pelo menos igualmente naturalistas, que encontraram seus orgãos mais eminentes nos chefes de escola allemães, inglezes e francezes de cujo surto a obra de Augusto Comte foi em parte uma determinante essencial.

Mommsen, Curtius, Grote, Buckle, Fustel de Coulanges, Taine, formaram-se todos na atmosphera das novas idéas que Goethe, Lamarck, Wallace, Darwin, Spencer, Hæckel, representam nos seus pontos culminantes.

Antes será esse o caracteristico geral desse grupo de historiadores do que aquelle que elles ambicionaram de fundadores da sciencia da historia, por enquanto ainda longe de ser dada como estabelecida.

Como quer que seja, no emtanto, o irrecusavel é que, fóra dos methodos modernos, essencialmente racionalistas, que requerem a coordenação methodica dos factos e uma systematisação scientifica, para as inducções e generalisações subsequentes, não se pôde escrever mais uma pagina que mereça ser considerada como de historia propriamente dita.

Por esse motivo, entendem-se dever-se reformar a historia inteira da civilização. Só depois de lermos «Ottfried Müller, Thirvall, Grote, Niebur, Mommsen, Curtius, Fustel de Coulanges, é que bem conhecemos e comprehendemos a Grecia e Roma», escreve um dos nossos bem aparelhados auctores, quer dizer só ahi reconhecemos como feita a historia desses dois grandes povos.

Nem Southey nem Warhagem puderam formar-se nesse ambiente moderno, o que é facilimo induzir das suas proprias obras.

Southey nem sequer é um escriptor nosso. Inglez de nascimento e educação, estranho ao nosso meio, pertencente a outra raça e de religião hostil á professada por aquelles de quem procedemos, não possuia preciosos requisitos sympathicos que são indispensaveis para bem interpretar-se a historia de um povo. Tanto mais tratando-se de historia moderna, por consequente da de uma raça que ainda hoje figura no scenario do mundo e cujas qualidades, sendo divergentes das que caracterizam o povo a que pertence o escriptor, correm constante risco de produzir uma antipathia humana muito natural no seu espirito, coisa que só pôde ser evitada até certo ponto por uma relevante superioridade intellectual.

Ora, é justamente o que falta ao operoso historiographo que consagrou

tantos dias de labor a esse serviço em prol da nossa civilização num tempo em que a litteratura historica era de uma indigencia lastimavel no nosso paiz. Antes do seu, seja como fôr, consideravel esforço, a unica historia geral do Brazil existente era a *America Portuguesa*, a ingenua tentativa de Rocha Pitta.

A obra do escriptor albião, cuja mediocridade neste ramo é difficil conciliar com o bom renome que elle conseguiu em seu paiz como poeta, representa a resenha mais extensa de factos que até hoje se tenha feito da nossa historia, mas irregular, e em que tudo é contado sem enthusiasmo e sem fé, quasi como num simples relatório. Além disso, vem tudo como numa uarrativa de coisas incontestes, sem o menor espirito de critica, como si não passasse pela mente do escriptor a desconfiança, siquer, do controverso.

Occorre ainda que nos 6 volumes da obra em questão não se trata apenas do assumpto a que o seu titulo devera subordinar-se. Além da historia do nosso paiz, ella «relata a fundação e progresso das provincias hespanholas adjacentes». Dahi motivo ainda para maior confusão.

Accrescente-se a tudo isto a circumstancia de haver Southey escripto apenas com os dados que pôde obter lá no estrangeiro, e sabe-se o sufficiente para fazer uma idéa do que a sua *Historia do Brazil* representa.

O livro de Warnhagen, calumniado por tantos, como aliás toda a sua obra o tem sido, revela outra capacidade e deve ser considerado como a primeira tentativa de merito que houve para a orgauição da nossa historia.

Além de que essa obra resulta do maior trabalho de pesquisa que sobre o assumpto já se fizera aqui e nas fontes estrangeiras, encontram-se nella certas preocupações de historiador propriamente dito. Vê-se que o nosso illustre compatriota não audava alheio ao movimento revolucionario que começava a esboçar-se por aquelle tempo no terreno por que mostrou predilecção.

Demais, o seu natural probó, a hombridade mesmo que revela, contam-se como circumstancias favora-

veis para o relevo que elle alcançou, combinando-se ellas com a grande actividade intellectual e assignalada paixão pelo estudo que decidiram da sua sorte nas lettras.

Ainda assim Warnhagen não pôde abafar em seu espirito os preconceitos proprios da geração nacional a que pertenceu, toda ella, mais ou menos, dirigida pela influencia hierarchica e munificente do imperador, d. Pedro II. Tanto mais que o nosso valoroso escriptor, havendo feito carreira pela diplomacia, teve de pertencer naturalmente ao numero dos que viveram mais de perto na atmosphera imperial. Elle era catholico, apostolico, romano, e monarchista convencido: um aulico, na bôa accepção da palavra.

Juntem-se esses traços aos offerecidos atraz, e é facil induzir-se o que seu livro pôde ser. Elle é a obra-prima que então se podia entre nós produzir, com o espirito que animava aquella epocha, com o preparo e os materiaes de que dispunhamos, dentro das conveniencias que era indispensavel guardar.

Não ha fugir: a historia do Brazil que a nossa epocha exige, como e até onde já a podemos fazer, essa, quer a de Warnhagen, quer a de Southey, estão longe de representar.

Além de tudo, depois que ellas fôram escriptas já o paiz descreveu mais um bom trecho da sua vida.

A regencia, breve, mas tão movimentada, mesmo consideravel, — sobretudo tão interessante, e o segundo reinado, longo e tão cheio de accidentes como foi, ainda não figuram na obra de qualquer um dos nossos dois historiographos. No emtanto, de ha muito elles tiveram a sua aurora e o seu diluculo, e aconteceu que o ultimo ruíu com a instituição monarchica. Pelo menos até ahi, já é licito esboçarem-se dois novos quadros, que tomarão um bom espaço no novo plano que se está impondo.

A tentativa, portanto, do nosso contemporaneo, o sr. Rocha Pombo, é dessas que merecem a maior sympathia e o mais vivo acoroçoamento.

Escrevendo o largo e excellento prefacio com que abre o seu primeiro volume, declara o auctor:

«Este trabalho não viza constituir

uma historia da civilização no Brazil. Para tão alta e difficil tarefa me falleceu tanto os conhecimentos especiaes que não pôde deixar de ter o historiadador (e isso principalmente) como o indispensavel material que tem de servir de base á construcção do que ha de vir a ser propriamente a nossa historia. A minha tarefa é ainda a mesma tarefa secundaria dos que me precederam: é consubstanciar elementos para o historiador futuro e portanto fazer apenas, um pouco mais que a simples chronica, porque ha de ser uma condensação de chronicas e chronographias, de tudo em summa que tem de ser o estofa historico da obra de amanhã. Nem mesmo se poderia tratar de fazer historia no sentido moderno ou no conceito actual da sciencia historica. Só se podem applicar os grandes principios da historia, pelo menos applical-os com probabilidade crescente de successo, a longos periodos, que permittam destacar bem o sentido dos acontecimentos. O Brazil, como todas as outras nações americanas, pôde-se dizer que, na mais ampla significação do termo, não tem historia ainda. Por emquanto estamos todos reagindo contra os males e vicios do regimen colonial.»

A clareza de vistas que estas palavras revelam, e o espirito de lealdade, de franqueza, sinão de modestia, em que ellas se inspiram são aptos a bem dispôr o espirito daquelles a quem faltem outros elementos para formar uma espectativa em relação á abalançada empreza. Ao mesmo tempo, no emtanto, ellas servem para delimitar antecipadamente a ambição do leitor.

Mais adeante, mas ainda no prefacio, fala o nosso historiographo sobre a grande necessidade de consultarem-se os archivos de além-mar para conseguir-se o maximo que é hoje possível a quem cuide da confecção da historia de qualquer das antigas colonias da America, pelo menos até ao momento da emancipação. Refere-se a isso para lastimar que tambem esse subsidio lhe falte.

Elle não se propõe, por conseguinte, sinão a «aproveitar do melhor modo o que os outros prepararam.»

Creio não haverá quem perpasse com certa atenução este primeiro vo-

lume da obra do sr. Rocha Pombo que não se convença de que, mesmo assim, a diferença entre os elementos com que Waruhagen jogou e os que se acham á nossa disposição, mesmo só aqui no Brazil, é verdadeiramente consideravel, não se falando do progresso introduzido no methodo geral adoptado pelos grandes mestres que revolucionaram a litteratura historica de ha cincoenta annos para cá.

E esse reconhecimento implicará a convicção de que o livro que ora se yá publicando resulta de reiterados estudos e amadurecida reflexão, juuto a um pendor decidido, ao que se deva chamar mesmo a verdadeira vocação de historiador.

Só assim as contingencias de tempo a que tem de obedecer o nosso compatriota, vendo-se forçado a redigir sua obra no correr da impressão, não hão de poder prejudical-a de modo verdadeiramente grave.

Este volume inicial, que já foi organizado por essa fórma, parece que é uma prova decisiva de que, junto ás vantagens primordiaes referidas, o sr. Rocha Pombo dispõe de capacidade de trabalho e obedece a um methodo de organização sufficientemente raros para garantirem-no de todo contra um exito mediocre.

A obra completa constará, pelo menos, de 6 fortes volumes, cada um offerendo 600 paginas na média. Material não muito maior, por conseguinte, do que aquelle que a obra de Southey encerra, constando de igual numero de volumes, embóra menores, dando-se ainda que esta de hoje alcança até os primeiros annos da Republica.

A grande vantagem, porém, que, de tal ponto de vista, leva o sr. Rocha Pombo sobre o escriptor inglez é que elle não se váe deter como este em pormenores puramente anedoticos, que não tenham propriamente importancia para as conclusões historicas. Deste modo, todas as questões poderão ser tratadas na obra de agora com muito mais desenvolvimento do que nas suas predecessoras.

O primeiro volume historia apenas o descobrimento do Brazil, sendo em sua grande parte cousagrado á descripção da nossa terra e aos assumptos que tem uma connexão mais in-

tima com essa materia. Sabe-se que importancia hoje se dá á questão do meio physico no problema do desenvolvimento das raças, da differenciação do character dos povos, do genio peculiar a cada uma das familias humanas. Por conseguinte, o desenvolvimento dado a essa materia é uma prova da orientação toda moderna a que obedece a obra do esforçado escriptor.

Por outro lado, esses dois pontos de que elle até aqui pôde tratar são dos mais difficeis que o assumpto geral offereça.

No primeiro, quasi tudo é controversia, dependendo, por conseguinte, a sua explanação do mais abundante material, cuja escolha e condensação requer demorado estudo e seguro criterio.

Ver-se-á que a organização das paginas a elle referentes offerece um incontestavel character de superioridade. E' feita com erudição ampla e segura, de boa lei, e por fórma viril, que confirma a firmeza da concepção. Digam outros de competencia si taes paginas poderiam ser mais exhaustivas deante do material que os eruditos accumularam até aqui sobre a questão.

No segundo quasi tudo é deficiente e um tanto incerto. As diversas sciencias, de cuja collaboraçoão depende a synthese que esse assumpto deve representar, estão longe de ter tido entre nós a applicação bastante para podermos pretender haver colbido um resultado razoavel, signer, sobre todas as questões que se prendem ao conhecimento do nosso sólo e da nossa natureza em geral. Ainda assim, quasi tudo o que de mais importante até agora se pôde estabelecer deve-se a um grupo de illustres estrangeiros, que o amor á sciencia pôde trazer até nós, do começo do seculo XIX para cá. Em todo caso, já a intellectualidade brasileira tem produzido quanto o exiguo dos nossos recursos permite. Os esforços de uns e de outros reunidos proporcionam, ao menos, entreverem-se as verdadeiras condições materiaes do meio em que temos de agir, desvendando-nos, por conseguinte, um pouco a perspectiva do nosso futuro.

O esboço organizado pelo sr. Rocha Pombo, dentro das largas linhas que tomou por limites, é bem satisfactorio,

no que eu posso julgar, deante da bibliographia de que dispomos.

A razão pela qual, no emtanto, quem ler este volume ficará numa expectativa verdadeiramente lisongeira sobre o conjuncto que ella ha de representar procede da impressão que nos canzam as duas qualidades a meu ver predominantes na caracteristica do espirito que se abalançou a esta tarefa. São essas a grande faculdade de sympathy humana que elle revela, e por outro lado a sua capacidade philosophica para o estudo, não só dos typos e das collectividades, como de todos os elementos que fazem o meio, que determinam as causas constituintes de cada familia humana e aquellas de que depende a evolução social.

Ha um verdadeiro poeta nesta alma de historiador. A sciencia para o sr. Rocha Pombo é, em ultima analyse, apenas um instrumento de idealisação. Si elle indaga, si elle confronta, si elle indúz, é tudo por amor á conclusão, pela paixão das generalisações, e isso devido a uma risonha expectativa que nunca o abandona, a uma verdadeira fé na grandeza das finalidades, na harmonia para cuja representação tendem todos os destinos. Parece-lhe que podemos entrever sempre qualquer coisa de arrebatador, nos typos mais altos como nos mais humildes a quem caiba um papel no meio planetario, uma vez que tenhamos os olhos fixos, meos nos moveis estreitamente conscientes a que cada um obedece, do que aos que procedem de um instincto superior, que correspondem secretamente a uma vasta solidariedade, na Especie como no Universo, estabelecendo a impossibilidade das existencias vãs, revelando o illusorio de toda a pequenez, consideradas as coisas de um ponto de vista mais alto.

No espirito do sr. Rocha Pombo, a necessidade da admiração sobreleva outra necessidade qualquer. Elle teria nascido muito mais na sua epocha si viesse num tempo que pedisse apoteoses por obras.

Salval-o-á no nosso a psychologia intuitiva de que, como eu já escrevi, a par disso elle dispõe, e com ella sua curiosidade scientifica, sendo inevitavel embóra que a qualidade mais pre-

dominante no conjunto: sobreleve de certo modo as outras no aspecto geral que a obra ha de offerecer.

Si essa faculdade de *sympathia* humana é sempre assim notoria neste espirito, que tantas outras provas já tem dado de si, na obra de agóra ella se tornará mais patente, como já se pôde ver neste primeiro volume. Por que? — Porque o sr. Rocha Pombo é de um verdadeiro enternecimento pelas raças precipuas na composição do nosso typo ethnico, com o qual se sentem na sua alma as afinidades mais intimas.

As paginas que constituem o portico desta sua obra, que se referem ao facto do descobrimento e aos seus mais immediatos antecedentes, sérias e sobrias como sejam, no rigor do plano positivo a que lhes era forçoso obedecer, tem qualquer coisa do prologo de uma epopéa.

Mas não são apenas os personagens que vão figurar no drama cujos laços elle se propõe descrever e interpretar que lhe accendem a alma nesse entusiasmo, forte bastante para lhe dar a transfiguração poetica. E' tambem a terra que o destino elegeu para ser o scenario solemne e o propulsor munificente da acção que nos esteja reservado exercer como povo. São os nossos horizontes interminos, são as perspectivas incomparaveis de belleza e de magestade dos nossos mares e das nossas bahias, das bacias dos nossos rios-oceanos, as dos nossos campos e das nossas serras. E' a variedade das nossas zonas, é a riqueza do nosso solo. E' a maravilha da nossa flora e da nossa fauna. E' a resultante das raras combinações meteorologicas que constitúe a benignidade dos nossos climas.

Por isso esta outra parte que compõe o primeiro volume furta-se ao risco de ser uma simples e árida exposição geographica, tornando-se de amenidade seductora, ao mesmo tempo que se reveste do character synthetico e philosophico que a natureza da obra requer.

Prefaciando o excellente compendio de historia do Brazil que devemos ao sr. João Ribeiro, escreve o sr. Ara-ripe Junior :

« Os competentes ha muito condemnaram a mania de empregar a

historia como instrumento de exaltação patriotica. E' difficil dizer se o mundo já pôde dispensar esse conhecido instrumento de civilização e si esse aparelho de defesa nacional está no caso de ser abandonado tão cedo para dar lugar a um cosmopolitismo duvidoso, inorganico.»

Em paizes novos, ainda em plena formação, como o nosso, que, na phrase do notavel escriptor de cujo livro aqui me occupo, ainda não tem historia, uma vez que não se exaggera a ponto de prejudicar a probidade indispensavel em trabalhos desta ordem, destinados a adeantar alguma coisa á cultura do mundo, é indispensavel que as obras historicas não se afastem muito do methodo a que se refere o nosso eminente critico.

Atravessamos um periodo de formação da nossa psyché, e a quantos manejamos uma pena cumpre não esquecer que a nossa missão mais alta por enquanto é a de educadores, de paes espirituaes da massa que se váe entre nós lentamente organisando.

Quem não confie e não creia, quem mesmo propriamente não sonhe, ainda não tem uma funcção normal entre os escriptores deste continente.

A *Historia do Brazil* do sr. Rocha Pombo será um excellente instrumento de educação nacional pela larga noticia da terra em que nascemos que suas paginas diffundirão pelos vinte Estados da Republica e pelo arrebatado dos fins superiores que constituem o seu objectivo central.

Com isso, proporcionará ao estrangeiro que por nós se possa interessar informação copiosa e commoda das nossas origens, do nosso inicio e do que somos actualmente, dando-lhes uma idéa do que ha de vir a tornar-se a grande Patria que, com a collaboração dos que tiverem a felicidade de confiar nos nossos destinos, em futuro bem proximo representaremos no mundo.

NUNES VIDAL.

*Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.*

*As officinas dos «Annaes», dispendo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.*

## O UIRAPURU'

### NOVELLA PARAENSE

POR

DOMINGOS OLYMPIO

I

Chefe do trafego de uma companhia de navegação fluvial de pequenos *gaiolas*, que revelaram ao commercio as riquezas do enredado labyrintho de canaes do archipelago da fóz do Amazonas, Placido era o mais correcto, o mais perfeito typo de empregado intelligente, honesto, apaixonado pela profissão exercida com a serenidade imperturbavel de uma consciencia satisfeita pelo dever cumprido á risca com indefectivel pontualidade. Elle encaraára a profissão, consagrara a ella toda a sua intelligencia primorosa e culta, nella concentrara todas as suas aspirações e por isso a Empresa, nome vulgar da companhia, se tornara o propulsor do desenvolvimento do commercio e producção das Ilhas. Sob a direcção de Placido, ao impulso do seu methodo, organizado como um aparelho de complicado e admiravel mechanismo, o trabalho fructificava em resultados extraordinarios, os obstaculos eram facilmente transpostos, os accidentes, tão frequentes nesse genero de negocios, se evitavam, se atenuavam. Dir-se-ia que elle tinha o condão da previsão, um instincto incomparavel para escolher, para adivinhar os mysteriosos caminhos do exito.

Celibatario aos trinta annos e dispondo de alguns haveres herdados dos paes, Placido construiu uma bella casa no bairro de S. João, quasi á orla da floresta exuberante, uma casa pequena, modesta e commoda como um ninho onde elle morava com a Severa, velha mulata que o acompanhava desde a infancia, desempenhando com solicitude maternal e auxiliada por dois filhos rapazes, todas as funcções domesticas. Ella varria, cuidava escrupulosamente da casa, da chacara, lavava, engommava para não confiar a roupa do uzo de *nhô* Placido a mãos mercenarias, desinteressadas da conservação, do apuro, os ternos de brim pardo, as gravatas brancas que eram o traje habitual do patrão, muito cioso do asseio da sua pessôa, como toda a gente do Pará. E sobrava ainda tempo á meiga Severa para cozinhar, inventando saborosos quitutes, picadinhos de peito de tartaruga, casquinhos de carangueijos da Vigia, tortas de camarão, pacas com tucupy, mussuanos ensopados, saborosas marrecas de Marajó com arroz de cuclá. Além disso, era carinhosa enfermeira, conhecia toda a pharmacopéa popular de mésinhas, de orações fortes, de feitiçarias, que ella appli-

cava quando elle se resfriava nas caçadas aos domingos por igapós e bosques, pois, tirante esses ligeiros achasques de caçador, gozava de uma saúde de ferro.

A hora certa, invariavelmente, elle entrava no escriptorio, a passo moderado, fumando em piteira de ambar o cigarro tauary; tirava o chapéo de palha, o paletó, os puños; pendurava-os no cabide e iniciava o interminavel trabalho de conferir guias, conhecimentos as notas de carga e toda a papelada confiada ao seu indefectivel zelo.

Terminada a faina diaria, voltava a casa, percorria o jardim, as dependencias da chacara, o redil dos cães que latiam alvoroçados, os viveiros de aves, de mutuns, elegantemente adornados, de guarás roseos, de jacamins que vinham roncando, de azas assanhadas, dausar em torno delle. Depois dessa visita á creação e aos xerimbabos, *nhô* Placido tomava um banho frio, jantava conversando com a Severa, mudava outro terno de brim branco e saía em pansado e methodico passeio até o café Carneiro, onde matava o tempo até ás onze da noite jogando uma partida de sólo com tres amigos muito intimos.

Rara era a noite em que não terminava com a infallivel discussão das pichotadas, com increpações ao capricho da sorte, sempre favoravel ao Placido.

— E' demais — exclamava um dos parceiros — tu ganhas sempre. Por felicidade nossa não és ambicioso.

— Este homem tem mandinga — observava outro, atirando as cartas sobre a meza.

— Pois vocês não sabem — ponderava o terceiro — que o Placido tem uirapurú? E' por isso que se sae bem em tudo quanto se mette.

— Vocês é que são uns grandes pichótes — concluía Placido, sorrindo e passando machinalmente a mão sobre o amuleto que Severa lhe botava no bolso do colette, o cadaver de um passarinho minuscuro, envolto numa bolsinha de seda preta, mysterioso habitante das florestas cujos trinados maviosos hypnotizam, seduzem os outros passaros, grandes e pequenos, todos os representantes da variadissima ornithologia da região do Rio Branco, na pictoresca fronteira da Venezuela, alegres bandos alados que o acompanhavam acclamando-o com uma cacophonía de gorgeios, de canticos atroadores, de gritos estridentes. E' extremamente difficil apanhar o uirapurú. Sómente os indios lhe conhecem os habitos e sabem caçal-o, feril-o nos altissimos galhos com a subtil flecha envenenada das zarabatanas perfidas, e vendem-no como talisman de extraordinario prestigio. A superstição

o consagrou mascotte de inestimavel valia.

Essa partida de sólo era infallivel. Estava inscripta nos habitos de Placido como essencial appetitivo do somno sem sonhos, em que adormecia até ás seis horas da manhã, numa tranquillidade de creança vigorosa.

Assim passou Placido trinta annos da sua vida exemplar e calma como o deslizar sereno num lago azul, sem ondas. E graças aos habitos immutaveis, elle se tornára uma especie de machina humana, incansavel, precisa, sem attrictos, sem rumor, sempre alegre por mais ouerosas que fóssem as obrigações, as responsabilidades, cheio de bonhomia, de paciencia, de resignação, como creatura contente de viver sem ambições, sem soffreguidões extenuantes, caminhando esperançoso e confiado para deante, sem preoccupações do futuro entregue ao cuidado da divina Providencia.

## II

Os uegocios da Empreza determinaram a necessidade de enviar ao interior um representante de inteira confiança, e os directores, não encontrando empregado subalterno que desempenhasse tão ardua missão, tiveram de impor ao Placido o sacrificio de uma solução de continuidade na sua vida pacata. E lá foi o homem, disfarçando quanto podia a contrariedade occasionada por essa viagem inesperada. A' meia noite, chegou elle a bordo do *Arapixy*, atracado á ponte, atravancado de bagagens, de mercadorias, caixas, paneiros de farinha ensaccados em estopa e garrafões com aguardente arrumados sobre o convéz á prôa, em perigosa promiscuidade com caixas de kerosene. A' ré, em torno de um vasto camarote destinado ás senhoras, estavam armadas rêdes de algodão e de maqueira, simples ou luxuosas, em todas as direcções, algumas superpostas, pendentes dos esteios da tolda, tanto excedia o numero de passageiros á lotação da navio.

Apezar de estar reservado o logar para a sua rêde, Placido se viu muito atrapalhado para se isolar de visinhos incommodos e dispor a grande bagagem, a espingarda, dois cães de caça e todos os objectos usuaes que elle conduzia para manter o vivo aspecto do meio que organizára com tamanha solicitude.

A' uma hora o pequeno vapor estremeceu, abalado por um movimento das rodas, das pás borbulhando n'agua, pelo ruido do vapor esguichando das vavulas em silvos estridulos, terminando em choques soturnos, contundentes, compassados da marcha vigorosamente iniciada aos balauços

regulares das grandes hasteas de aço, polido mergulhando sem attricto nos tambores oscillantes e prezos pelos excentricos ás secções do grosso eixo. O telegrapho do commando signalou — toda a força, e as rodas do *Arapixy*, com um farfalhar cadenciado, aceleravam o impulso.

Estirado na rêde, perto do pequeno camarote do commandante, Placido contemplava a cidade afastar-se lentamente; as luzes, em larga orla desde o arsenal de marinha ao Reducto, pestanejava na treva, diminuiam, confundindo-se com as estrellas que, em constellações fulgurantes, tauxeavam o céu equatorial, profundamente negro, até se sumirem quando o vapor entrou no canal do Arapiranga e ganhou a bahia de Marajó, ainda agitado pela viração vespertina. No convéz continuava, á luz de plarões, o trabalho da arrumação da carga, a descer pelas escotilhas amplas para o porão, donde emanava um nauseabundo cheiro de borracha, de residuos apodrecidos, de alcatrão e petroleo evaporado dos pavios fumareutos. Um moço praticante verificava as marcas que o immediato ia conferiudo e annotando no livro de bordo illuminado por uma lanterna globular protegida por discos de arame, em torno da qual esvoaçavam aladas legiões de mosquitos, fascinados pelo clarão intensificado pelo reflector, polido como um espelho.

Ao alvorecer, o *Arapixy* navegava em plena bahia, rumo léste, cortando serenamente as aguas amarelladas. Mal se divizava ao longe a fimbria de terra plana, baixa, coberta de arvoredo, de palmeiras, das quaes surgiam altaneiros os gigantes da floresta. Nenhuma casa, nenhuma véla de barco, nenhum signal de civilisação se divizava naquellas paragens, quebrando a monotonia dessa interminavel paisagem chata do rio-mar, correndo entre margens atufadas de verdura sob um céu limpido, nitidamente azul. Placido saltou da rêde surprehendido pelo sol, invadindo o convéz como uma onda de metal candente a destacar com tons de ouro as pequenas marêtas crespas, os metaes amarells, muito limpos e lustrosos, as coisas, as caixas de mercadorias arrumadas para desembarcarem no primeiro porto, os passageiros sentados ao longo da meza esperando o café, os retardatarios que escovavam os dentes debruçados á amurada, todos aquelles variados typos de creaturas, de todas as côres, de raça diversa, agrupados em pictoresca promiscuidade em tão breve espaço, na maior parte emaciadas, pallidas, com funestos vestigios da inclemencia do clima nos seringaes devastados pela malaria. Muitos se alegraram de encontrar o chefe do trafego,

velho conhecido, cuja presença a bordo elles não suspeitavam, dirigindo-lhe saudações affectuosas muito familiares.

Depois do banho frio na caixa das rodas, Placido deixou o pyjama de lã e vestindo o indefectivel terno de brim pardo tomou café no camarote do commandante, o Aponiano Valle, um dos mais peritos e populares da Empreza.

— Onde estamos? — perguntou Placido ao commandante — Parece que este navio está pedindo refôrma.

— Para o serviço que tem prestado — respondeu o Aponiano — e para a idade, ainda dá conta do recado. Estamos defronte de Curralinho. E' alli detraz daquella arrebenção que é um grande banco de areia. Temos feito um viação.

Preparando um cigarro de fumo do Acará, Placido se esforçava em vão para descobrir o banco de areia e os indícios da villa. Seus olhos, deshabituaados ás vastas perspectivas, nada viam, sinão agná, florestas, céo, algumas ilhas fluctuantes de camaranas que, ás vezes, o navio dividia ao meio com a prôa e se desfazião revolvidas, trituradas, pelas rodas possantes. E o *Arapixy* continuava a sua marcha lenta, procurando approximar-se da costa para evitar a correnteza do centro da baltia, demasiado forte para as suas velhas machinas fatigadas, augmentando a pressão para chegar com dia a Breves, naquelle tempo o mais impórtante centro de população daquella zona.

Desacostumado ao repouso forçado da vida de bordo, Placido procurava constumir o tempo de maneira proveitosa, conversando com os passageiros seus conhecidos sobre o estado dos seringaes, sobre os negócios, a colheita de borracha da quinzena naquellas prodigiosas ilhas de pauíl divididas pelos profundos sulcos de canaes, ilhas prodigiosas, onde a colheita de borracha não tem remissão durante todo o anno. Um dos passageiros, o Tatú, dava-lhe informações minuciosas sobre a terra e a gente, os novos seringaes descobertos, os novos canaes ou furôs encontrados e muito uteis para encurtar as distancias, as contrariedades do negocio, a infelicidade de certos freguezes, tudo quanto pudesse interessar ao commercio da região, especialmente á Empreza.

Ao cair da noite, esguicharam as valvulas ao signal de meia força; a marcha esmoreceu e o *Arapixy* navegou rente á margem enfeitada com os penachos dos assahyseiros flexiveis e graciosos, e com manobras avante e atraz atracou a uma vacillante ponte a vergar sob montões de lenha; em face da unica rua da cidade illuminada

por meia duzia de lampeões de kerosene.

Placido não pôde conter um gesto de compassiva surpresa ante a pobreza da cidade, um renque de casas mal edificadas, algumas de tijolo, quasi todas de sapão, esburacadas, privadas do rebôco, que se desprendia roído pela implacavel humidade. Na ponte illuminada por uma lanterna vermelha pendente de um mastro, estavam o juiz de direito, o promotor publico, toda a magistratura, todo o funcionalismo local e os mais fortes negociantes do logar, aguardando as malas do correio, as cartas dos aviadores com os conhecimentos da carga, que já começava a ser descarregada para a cidade ou para as igarités atracadas ao costado do vapor, tripuladas por homens e meninos loquazes, alvoraçados, em grandes expausões de alegria.

Quando terminou a descarga, as igarités se afastavam a remo, perdendo-se na extremidade do canal, um sulco profundo de cem metros de largura em linha recta, como si fôsse traçado artificialmente, e começou o embarque da lenha, passando as achas da ponte para o interior do navio, atiradas de um para outro dos marinheiros postados em fila, ao passo que o mestre ia contando com voz plangente as dezenas, de primeira a dez tuilhas. Placido adormeceu embalado por essa monotona toada, que terminou quando as amarras presas a grossas arvores da margem chicotearam a agua.

Essas scenas se repetiram durante oito dias de viagem até Affná, recente villa construída sobre esteios, com uma rua assoalhada.

A' proporção que ia descarregando, o navio recebia borracha em grandes páos enfiados em cipó e o ambiente de bordo se saturava desse acre cheiro de resina dos carochos do urucury, empregados como combustivel na defumação para consolidar o precioso leite da syphonía elastica, cuja exploração tomara grande impulso com o augmento de trabalhadores fornecidos pela immigração cearense.

Do Affná o *Arapaxy* regressou por outro roteiro de canaes, verdadeiras ruas fluviaes, onde parava ao appello de uma bandeira durante o dia ou de uma lanterna vermelha durante a noite; ficando, ás vezes, sob rodas para receber a carga de canoas que lhe vinham ao encontro. Tres dias depois o pequeno navio, já muito abarrotado, atracou na ponte do engenho Japyhim, um grupo de casas bem construídas, o sobrado da residencia com um bello jardim sobre o rio, os telheiros das machinas, de deposito de canna, o alojamento dos

trabalhadores, todos dispostos, numa ordem admiravel, contrastando com a pobreza, com o aspecto desanimador dos barracões cobertos de piudoba apertados nos aningaes onde gritavam assustadas feias ciganas assanhadas.

Depois de transportada para o navio uma complicada e exotica bagagem de grandes bahús, de saccos, de paneiros, de capoeiras cheias de galinhas, de gaiolas, onde pulavam espantados passaros de estimação, Placido embarcou, conduzindo d. Amelia e a filha Affonsina, que iam gozar na capital a abastança que lhes legára o coronel João Damasceno de Carvalho, chefe da familia. A viuva entendera que seria crueldade condemnar a filha, moça bonita e bem prendada, áquella monotonia do engenho, naquelle meio rustico de costumes inferiores ao destino daquella formosa creatura, educada pelas irmãs Dorotheas do asylo de S. Antonio. Affonsina, regressando á roça, se consolára, ao principio, com a companhia do primo Joanico, que lhe conservava a illusão da vida na capital, lendo-lhe os jornaes, lembrando as pessoas conhecidas. Mas o pae morrera; o primo partira para a Europa; restava-lhe a mãe carinhosa, cuja companhia lhe não bastava e a moça começou a entristecer ao mesmo tempo que a mãe era agitada por crises nervosas devidas ao isolamento da viuvez e á pena de associar a filha á sua tristeza. Resolvido o abandono da fazenda, d. Amelia pedira á Empreza que lhe mandasse pessoa de inteira confiança para acompanhá-la, pois não ouzava emprehender sósinha a viagem.

Foi esse um dos principaes motivos da commissão de Placido, que fez logo excellent camaradagem com a familia, tratando-a com todo o carinho de uma galanteria discreta. A viuva ficou encantada, não o deixava um momento. Era o seu Placido para aqui, o seu Placido para acolá, para levá-las á meza, para servi-las, para passeiar com a moça pelo convéz enluarado, perfumado pelas emanações balsamicas da floresta que abeirava o rio, levemente encrespado pelo terral. Placido, extremamente serviçal, não se fatigava, transigia com todos os desejos da viuva, como si lhe adivinhasse os pensamentos, chegando a sua delicadeza ao sacrificio de abandonar o cigarro, que provocava tonteiras á moça.

— Que boa pessoa o sr. Placido!... — observou Affonsina á mãe, quando se recolheram ao camarote.

— Está se vendo que é um moço bem educado — respondia d. Amelia — Gosto muito das suas modas attentiosas, humildes. Não se me daria de dar-lhe sociedade para elle tomar

conta do engenheiro. Eu ficaria completamente descansada.

—Não vês, mamãe, que um moço daquelles não se metterá na roça por interesse.

—Quem sabe, filha. Aquelle é um homem que tem o juizo no seu logar... Quando nos conhecermos melhor, hei de fazer-lhe nma proposta. Seria para mim um achado; o de uma pessoa de confiança que tratasse os meus negocios.

Ao desembarcarem em Belém, no trapiche da Empresa, foi elle que se encarregou da enorme bagagem, dos passaros, do gato, do pilão e das peneiras de assahy, dispondo tudo com admiravel ordem e com grande satisfação da viuva, que, sorrindo de reconhecimento, exigiu que elle se compromettesse a visital-a para dar-lhe os indispensaveis conselhos de homem pratico, para auxiliá-la no trabalho de instalação e arranjo da casa.

A separação foi commovedora. A viuva abraçou-o com effusão batendo-lhe nas costas familiarmente e lançando um expressivo olhar de malicia á filha, que, enleada, ligeiramente ruborizada, estendeu a Placido a mão fria, macia, pequenina, murmurando algumas phrases banaes de agradecimento.

Placido não pôde manter a calma habitual. Dominado por estranha sensação de aperto na garganta, separou-se saudoso das duas companheiras de viagem.

(Continúa)

### MUSA DO HOSPICIO

A musa do Hospicio, lastro tão abundante e tão erudito em theses de doutoramento, diverte mais uma vez o publico simples e dá que pensar aos remexedores da psychologia indigena. Naturalmente e decididamente assentará que, de todas as nossas qualidades de povo intelligente, apenas a poetica é inextinguivel — não só entre a gente sã como entre a que, como o honrado sr. Aquino, habita o palacio da praia da Saudade. Isto explica porque, antes de ser agricola, este paiz é essencialmente poetico. Ao menos neste particular, é grande o serviço que prestamos a esses remexedores, a quem ainda informamos: o honrado sr. Aquino é poeta infatigavel e vinga-se de varias perseguições mais ou menos nestes versos, que vão, como couvem, textualmente:

#### VERSOS SENSITARIOS

NO MEU CUBICULO

Desta vez não foi o Pirralho,  
Quem por aqui appareceu,  
Foi um sisudo Bigorrilha,  
Que para mim desmereceu.

Em sua singella visita  
Tornou-se muito exquisito:  
Queria papeis de leituras,  
Sem apresentar o intuito.

Gabriel, junto á portada,  
Mirando esse personagem,  
Extranhava-lhe a tolice  
Da indébita entrosagem.

O caso era de casquinada,  
Parecia até de mangação,  
E nelle ficou embaraçado  
O confuso mocelão.

Tornia os virados bigodes,  
Alçava a cara quixotesca,  
Parecendo evitar indicios  
De uma figura burlesca.

Depois da pequena palestra,  
O Bigorrilha quiz logo sair;  
Aproveitei então o ensejo,  
Para um favor lhe pedir.

Elle não contrariou-me,  
Deu-me o seu assentimento:  
E eu, todo pressuroso,  
Entreguei-lhe um documento.

Esse urgente documento,  
Continha vasta bizarrria,  
E demandava providencias  
A egregia directoria!

Ficou de trazer-me resposta  
O maganão realista;  
Mas até a presente data  
Iada não me veio á pista.

E assim é que elles são  
No cumprimento do dever...  
Vivem d'um modo negligente,  
Negligenciando até morrer.

Ontr'officio meu Bigorrilha.  
Não te quero mais aturar;  
Sou um doente bem sincero,  
Que fujo de bajular.

Quem quer ser pornographo,  
Com largas vistas a claudicar  
Olhe bem para o seu futuro  
E não me venha amofinar.

Por trás da cortina espessa  
Queres tu fazer-me intriga,  
Pois fica sabendo agóra  
Que contigo não faço liga.

Não mais aqui appareças,  
Não preciso de teus favores;  
Nascestes para ser xifrim.  
Jámais te darei louvores.

Seuhor, eu não o conheço!  
Quem é ou seja, não quero saber:  
Estou farto de estudantes.  
Isto é facil de comprehender.

O homem, assim despachado,  
Virou as espaldas...  
Ficando bem esquentado  
Pelo que então assistiu.  
Quem mandou este Intruso  
Foi sem duvida o Bigorrilha,  
Querendo impôr-me salsada  
Com gente da minha Andilha.

Mas deve estar desouganado  
Que eu não sou de machinações;  
Pois aprendi a sinceridade  
Nas mundanas intervenções.

Aditivo  
Tres dias já são passados:  
(Sessenta horas de cabedat),  
O emissario não vem:  
A batucada é infernal!

As coisas estavam assim,  
Quando, inesperadamente,  
Entra-me pela porta do quarto  
Um alumno inconsequente.

Por artes de encanto magico  
Era elle, Albuquerque de Mat,  
Alto, magro, bem arisco,  
Com manefras de um jogral.

Perfilado, junto á minha  
Quiz falar, e disse asneira:  
Ao ouvi-lo... fiquei nervoso,  
Com fitos de pasmacaira.

#### VERSOS DEPOIS DO ALMOÇO

O café caramellado,  
E' de muita economia;  
Mas tem um forte resabio  
Que nos dá bastante azia.

O seu gosto amargoso  
Ninguem o pôde tolerar;  
Dimana da especulação  
Que nos faz desesperar.

Assucar grosso queimado,  
Agua em cima a ferver,  
São artes de poupar café,  
Para não se poder beber.

A baixo com esse processo  
De porriqueira fancaria;  
Pois nos dá ágro enjoio  
Com assomos de agonía.

A despensa e a cozinha  
Não se doem da mangação,  
Querendo impingir á todos  
O cynismo, a irrião!

O nosso administrador  
Não enxerga tudo isto?  
Valha-nos os Santos do céu!  
Valha-nos o Santo Christo!!

AQUINO.

Vendem-se 'collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904, primeiro e segundo semestres de 1905 e primeiro semestre de 1906.

Toda a correspondencia relativa aos «Annaes», deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfredo Ribeiro.

**XADREZ**

**TOURNEIO DO CLUB DOS DIARIOS  
1º TURNO**

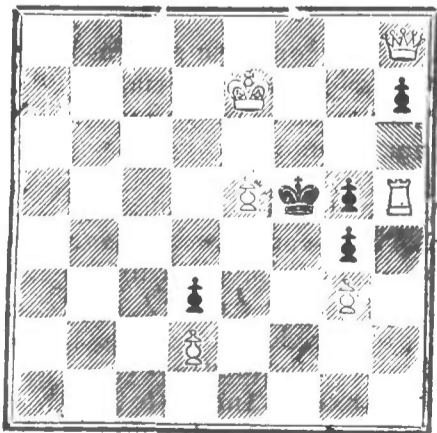
Resultado a 31 de agosto de 1906

Nome	H. Costa	W. B. Hentz	Th. Torres	A. Pereira	A. Loup	Bocayuva	B. Allen	Tito de Sá	Ouro Preto	Burlamaqui	Numero de pontos
Henrique Costa	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1	5
W. B. Hentz	0	0	0	1	1	1	1	1	0	1	2
Theophilo Torres	0	0	0	0	1	1	1	1	0	1	2
Annibal da C. Pereira	0	0	1/2	0	1	1	1	1	1/2	1	3
Augusto Loup	0	0	1/2	0	1	1	1	1	1/2	1	1 1/2
Q. Bocayuva Junior	0	0	1/2	0	1	1	1	1	1	1	1 1/2
Barten Allen	0	0	1/2	0	1	1	1	1	1	1	2 1/2
E. Tito de Sá	0	0	1	0	1	1	1	1	1	1	2
Vicente de Ouro Preto	0	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1 1/2
Armando Burlamaqui	0	0	1	0	1	1	1	1	1	1	0

**PROBLEMA N. 63**

Com. Murtial

PRETAS (5)



BRANCAS (6)

Mate em tres lances

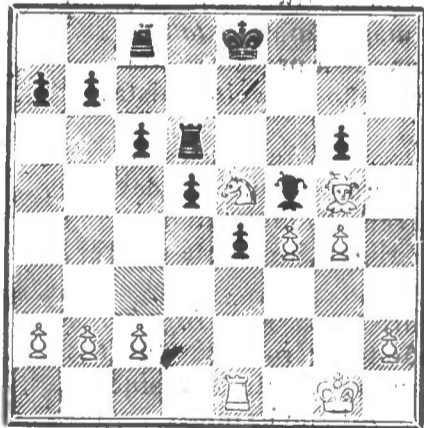
**PARTIDA N. 69**

(Jogada no torneio do Club dos Diarios no dia 20 de agosto de 1906)

**ABERTURA DOS DOIS CAVALLOS**

Brancas (Tito de Sá)	Pretas (Henrique Costa)
P 4 R	1
C 3 B R	2
C 3 B D	3
C 4 T D	4
B 5 C	5
P 4 D	6
C x P	7
D x B	8
B 3 R	9
B x C	10
C 3 B D	11
Roque R	12
P 4 B R	13
T 3 B R ? (a)	14
T 3 C R	15
T x D	16
B x C (b)	17
B x P C R	18
B 6 B R	19
C 2 R	20
C 4 D	21
T 1 R	22
B 5 C R	23
C 3 B R	24
C 5 R	25
P 4 C R	26

Depois do 26º lance das Pretas



T 3 R	26	B 2 D
T 3 T R	27	T 3 R
T 8 T x	28	T x C (d)
T 7 T x (e)	29	R 2 B
T x B	30	R 1 C
T x P C D	31	T 3 R
R 1 B	32	P 6 R
P 4 T R	33	P 4 T D
R 2 R	34	P 5 D
P 5 T R	35	P 4 B D
P 6 T (f)	36	P 5 B D
P x P	37	P 6 D x
R x P	38	P x P x
P 7 T x	39	P 7 R
B 5 B x	40	R 1 T
R x P	41	T x B
T 5 C	42	T x P 4 B R
R 3 B	43	T x P C
T x P T	44	T 5 C D
	45	T x P C

T 7 T	46	T (7 C) 7 B D
R 4 B	47	T (1 B) 2 B
T x T	48	T x T
R 5 C	49	R x P
abandonam	50	

(a) Prematuro. Immediatamente 14 — C 5 D era bem mais forte. O lance do texto é a entrega de um pião.

(b) Si 17 — T 3 C, C x P B; 18 — T 1 B, C x B; 19 — T x C, P 4 D; 20 — T 1 D, Roq. D., com uma esplendida posição e dois piões a mais.

(c) Estes ultimos lances das Pretas são tibios e desconcertados. Graças a elles podem as Brancas collocar o seu C em esplendida posição, a 5 R.

(d) Forçado.

(e) Lance máu. Ahi, o melhor era liquidar.

(f) As Brancas perseguem uma chimera com o avanço deste pião. Deviam trazer a sua torre a 7 D, o que daria a nullidade quasi certa. Assim suicidam-se.

\*\*

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 62 (Dr. A. W. Galitzky): 1 — C 7 B D, C 4 T D x. d. (a, b, c, d); 2 — T 4 R x. dpl., R x T; 3 — C x P D mate.

(a) 1... R x C; 2 — T 3 B D x, C x T; 3 — P 3 C D mate.

(b) 1... R 4 B; 2 — T 3 B D x. d., R 3 B; 3 — C x P R mate.

(c) 1... P 5 R; 2 — T 3 D x. dpl., R x C; 3 — P 3 C D mate.

(d) 1... outro lance; 2 — T 3 B R x. d., ?; 3 — C, P, ou T mate.

JOSÉ GETULIO.

**RECEBEMOS:**

«Arithmetica theorica e pratica; trabalho original, repleto de interessantes exercicios praticos (mais de mil), para uso do Collegio Militar, das escolas primarias e dos collegios equiparados», pelo sr. Liberato Bittencourt, capitão do estado maior de artilharia e lente da Escola de Artilharia e Engenharia; Imprensa Nacional, 1906. Diz na capa o illustrado auctor: «Este livro é um livro de ensino e de combate: faz guerra de morte ás perniciosas lições decoradas, para dar valor e vulto ás bellezas do raciocinar; substitue as desvantagens do abuso da memoria pelas virtudes sem conta do raciocinio.»

— Historia do Brazil; curso dos gymnasios e lyceus; 1ª parte: seculos 16, 17 e 18», pelo sr. Borges dos Reis; Bahia, 1906. O prefacio é uma interrogação: si o auctor se aproximou do typo do historiador brasileiro, segundo a physio-psychologia que lhe traça, em periodos magnificos, o sr. Sylvio Roméro.

Tratando-se de um livro didactico, é justo, desde já, salientar, porque é raro, o esmero da factura material nas officinas da casa Reis & C., daquella cidade.

— «Annaes da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, tomo 70, junho de 1904 a junho de 1905; Imprensa Nacional.

— «Revista do Club de Engenharia», numero 14, anno de 1906; Imprensa Nacional.

— «Tratado das obrigações pessoas e reciprocas nos pactos, contractos, convenções, etc.», por Pothier, traducção de Corrêa Tellés; segunda edição, muito augmentada, da casa Garnier, 1906.



ASSIGNATURAS  
 ANNO..... 20\$000  
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso. 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

*O futuro ministerio do sr. Affonso Penna. — A concha do mysterio. — As coisas perigosas que se preparam para o proximo governo.*

Durante a sua viagem de instrucção pelos Estados, o sr. Affonso Penna não pensou na organização do seu ministerio; foi isso, pelo menos, o que affirmou categoricamente, numa phrase lapidar, aos jornalistas da comitiva presidencial, ávida de surprehender-lhe os intimos propositos. S. ex., mantendo sobre esse gravissimo assumpto a mais absoluta reserva, foi impermeavel, como si dissesse dependesse o exito do seu despontar de sol na rutila trajectoria dos vindouros quatro annos.

Alguma coisa de ornamental ha nesse empenho de manter a anciedade dos benemeritos cidadãos que se insinuaram, por si ou por outrem, á suprema confiança; a esperanza daquelles que pretendem, silenciosamente, apparentando pudores de sultana enleuada não imminencia do lenço; dos que, com uma semcerimonia desprendida, solicitaram francamente a honrosa investidura. Chega a ser theatral o fremito de impaciencia que precede ás grandes exhibições, a perspectiva das decepções, do desapontamento, das desillusões, preparando o gozo excepcional do formidavel golpe da surpresa encenado por s. ex., como artista emérito, com tamanhas precauções que a gente chega involuntariamente a comparar essa preocupação de mysterio com asmeticulosas cautelas com que se preside ao arranjo de «trucs» carnavalescos.

Dir-se-á que o segredo é alma dos negocios, mas na hypothese da escolha de cidadãos para formarem a familia governamental, não occorre a necessidade de capas encoiradas, para evitar intervenções difficeis, manobras das ambições partidarias, ou as imposições do «blóco». A escolha dos secretarios de Estado é uma prerogativa do futuro Presidente, inteiramente livre, e da qual sómente deve contas á sua consciencia, uma vez que perante a nação é o unico responsavel pelos actos da politica e da administração.

Não haveria inconveniente na indicação dos ministros, dos auxiliares da execução do plano do governo; seria até de grande utilidade que elles se reunissem em torno do Presidente e fôsem, com antecedencia, collaborando nas medidas iniciais do que, por via de regra, depende o successo de todas as empresas humanas.

Occorre a circumstancia importantissima de

estar o Congresso preparando o orçamento para o governo do sr. Affonso Penna, que, por isso, deveria intervir nelle para accomodal-o ao seu pensamento, ao seu plano, das idéas ligeiramente esboçadas no manifesto á nação.

A Camara está, entre outras coisas perigosas, fazendo uma refôrma de tarifas, inspirada por um proteccionismo ignorante, injustificavel, cujos efeitos serão augmentar o preço de generos de primeira necessidade que não produzimos ainda, para satisfazer o consumo.

O augmento das taxas sobre a importação da manteiga estrangeira já elevou os preços da manteiga mineira em proporções assustadoras, comparado com o da manteiga franceza, que, por sua vez, virá, dentro em breve, a valer mais. Lucram com isso os productores indigenas, lucram os creadores de vaccas mineiras, mas perde o Thezouro Nacional, cuja renda soffrerá fatalmente grande depressão; perdem os consumidores, que serão forçados a consumir menos ou a se subordinarem aos productos da industria de falsificação, ás varias modificações da margarina já tão propagada nos mercados brasileiros. Consumiremos por alto preço manteiga que não é manteiga, banha feita com os detricitos venenosos de gorduras infectas e da mesma fórma, todos os generos que fôrem apanhados pelas garras desse proteccionismo «sui generis», destinado a fomentar ou favorecer industrias que não passam ainda de tentativas muito vacillantes e muito mal orientadas.

Ora, o sr. Affonso Penna por ser mineiro, tem visão bastante clara para perceber os absurdos que se estão engendrando, absurdos que poderão ser evitados para não crearem graves difficuldades ao seu governo.

Tem-se demonstrado, á saciedade, a inconveniencia desse proteccionismo de campanario em prejuizo dos grandes interesses nacionaes; tem-se escripto demonstrações luminosas do risco desse plano financeiro, mas os nossos preciosos estadistas são irreductiveis, adquirem amor ás suas idéas, fazem dellas questão de melindre pessoal, consideram-se infalliveis e arrastam adhesões sem convicção, movidas por solidariedades partidarias, que, quasi sempre, não representam a verdade nem os idéas e as aspirações da grande maioria do pensamento nacional, mas o empenho de manter, entre os seus dilectos matutos, uma popularidade esteril.

Outro negocio importante se vae arrastando esmorecido pelo Congresso—o Convenio de Taubaté,